

6. Permanecer na transmissão: *stabat Mater*

A partir do que tentei dizer sobre a transmissão, é claro acredito, que não podemos "permanecer" na vocação, viver a nossa vocação em uma fidelidade viva e fecunda, sem concebê-la ligada à transmissão de Cristo. Sem transmissão, a fidelidade fica no *standby* sem fonte ou realização. Sim, está lá, se resiste, mas como aquelas plantas de apartamento que são bonitas de se ver, mas que não têm nenhuma função ou fecundidade.

Perdurar na transmissão de Cristo, que deveria ser o significado da nossa estabilidade fiel, é ao contrário, uma atitude que manifesta uma personalidade radiante, um "ser pessoa", porque é uma atitude que liga a presença de um monge, de uma monja, de uma comunidade, à missão de um Outro (com O maiúsculo!), ou melhor: à presença de um Outro em missão.

O ícone mais surpreendente desta permanência é a Virgem Maria, na maneira como viveu a vida terrena em relação com a missão de seu Filho. Maria não teve outra vocação que servir a missão do Filho enviado pelo Pai para salvar o mundo. Ninguém participou da missão de Jesus mais intensamente que sua mãe. Às vezes penso que São Paulo poderia ter escrito algumas linhas a mais sobre a Virgem Maria. Mas a única frase da carta aos Gálatas em que o Apóstolo alude a Maria, diz praticamente todo o seu mistério: "Mas quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, que nasceu de uma mulher e nasceu submetido a uma Lei, a fim de remir os que estavam sob a Lei, para que recebêssemos a sua adoção" (Gal 4,4-5).

O Filho de Deus nasce de uma mulher porque foi *enviado* pelo Pai, para nos fazer filhos de Deus. Deus nasce *para nós*, o Filho de Deus nasce no mundo *para nós*. Para compreender o significado da maternidade divina de Maria, é necessário situá-la naquele movimento que vai da Trindade ao homem, para salvá-lo através de Cristo.

Maria é Mãe de Jesus Cristo porque "Deus enviou seu Filho", porque o Pai dá ao Filho a missão de salvar todos os homens, tornando-os filhos de Deus animados pelo Espírito Santo. Maria não seria Mãe de Jesus Cristo, Mãe de Deus, se Deus não quisesse nos salvar, nos resgatar, fazendo-nos seus filhos e filhas. É para nos gerar a vida divina que Deus faz de Maria a Mãe do seu Filho.

Maria não partiu em missão, mas viveu cada momento de sua vida perseverando na transmissão do Filho ao mundo. Imaginemos a intensidade com que Maria viveu o tempo de sua vida em Nazaré e durante os trinta anos que Jesus esteve com ela, depois os três anos em que Ele esteve em missão pública. Imaginemos a constância na transmissão do seu Filho depois da ascensão de Jesus ao Céu, quando Maria vivia discretamente na primeira comunidade cristã, quando vivia com João. Ela era toda participação da missão de salvação do Filho e, portanto, da Igreja. Vivia uma permanência, uma estabilidade ardente e fecunda, porque em completa comunhão de amor com Jesus e com o amor de Jesus para o mundo.

A Virgem Maria concordou desde a Anunciação em ser a serva da missão de Cristo. O Emmanuel estava em missão desde a sua concepção, foi enviado e enviado como "Jesus", como "Deus que salva". Maria vivia tanto a transmissão do Filho ao mundo ao ponto de antecipar, involuntariamente, os tempos, nas bodas de Caná (cf. Jo 2,3-5). Nunca se preocupou com os tempos e os meios da missão do Filho. Não era seu dever. Deixava que acontecesse na obediência ao Pai, assim como Jesus. Mas mantinha sempre acesa a lâmpada da consciência de que cada momento da vida de Jesus, da presença de Jesus, era sua missão em ação, mesmo quando o observava dormir no berço, ou trabalhar com José, ou sair para rezar na solidão da noite ou do deserto. E se, como na ocasião do reencontro no Templo, às vezes reagia muito humanamente em relação ao comportamento de seu Filho, não era que uma oportunidade, para ela e para Jesus, de "refrescar" o significado da aliança entre eles, da comunhão de suas vidas: o de estar unido em obediência ao Pai, que envia seu Filho para salvar o mundo. Maria não entendeu a resposta de Jesus para sua repreensão. Mas não insiste. Reingressa, silenciosamente, na presença na missão do Filho em ação, entra em uma permanência na qual permanece, com todo o seu coração, atenta a vinda do Filho, para que a missão de Jesus venha iluminar a sua, que é aquela de servir, seguir e permanecer abandonada na missão do Filho: "Em seguida, desceu com eles a Nazaré e lhes era submisso. Sua mãe guardava todas essas coisas no seu coração. E Jesus crescia em estatura, em sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens" (Lc 2,51-52).

O ponto culminante desta capacidade de Maria de se manter na transmissão do Filho foi evidentemente sua presença no Calvário, seu "estar" aos pés da Cruz. Ninguém participou da missão redentora de Cristo crucificado como sua Mãe. Uma participação de coração, totalmente livre no consentimento. Do ponto de vista prático, um Simão de Cirene participou mais do que Maria na Paixão de Jesus. Mas, interiormente, ninguém pôde com-patir mais do que a Virgem.

O Evangelho de João nos apresenta esta participação sob forma de uma "estabilidade" de um *Stabat Mater*: "Diante da Cruz de Jesus estava sua mãe" (Jo 19,25). A constância de toda a vida de Maria, antes e depois da morte redentora de Jesus, se concentra na densidade total do amor e da fé deste "permanecer" diante da cruz. Uma presença e um "ficar" fecundos, porque é lá que Jesus faz de Maria a Mãe universal. Mas foi cada momento de sua vida que Maria viveu com esta intensidade de duração, com esta fidelidade a missão do Filho. E quando a missão do Filho está no seu auge, na Cruz, é a própria missão que leva a Virgem consigo, na perfeição e na universalidade materna da transmissão de Cristo.